

NOVO MUNDO E FIM DO MUNDO (*).



Quando dizemos que Cristóvão Colombo descobriu a América a 12 de outubro de 1492, sabemos que essa expressão é inadequada, pois, realmente, Colombo abriu caminho a uma série de descobrimentos ao cabo dos quais há a América como a conheceram e a transformaram os europeus.

Em nota destinada a Raynal, para a sua *Histoire Philosophique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes*, dizia Diderot: “E’ mister que o Sr. Abade comece por dizer que descobrimos um novo mundo que, por meio de descobrimentos sucessivos, está a fornecer, já há três séculos, assuntos novos para surpresa nossa e alimentos novos à nossa curiosidade”.

Se nos limitarmos apenas ao aspecto espacial do descobrimento, à geografia, no estrito sentido etimológico da palavra (*descrição das terras* e de sua configuração) não é suficiente lembrar que Cristóvão Colombo de volta de sua primeira viagem, acreditava que Cuba — cujo litoral em mais de sua metade êle costeara — era um promontório do continente asiático; pois a ligação ou o desligamento do que hoje chamamos de América com a Ásia foi questão problemática durante todo o século XVI, e ainda, durante todo o século XVII. O que havia nos mapas, a noroeste das Índias Ocidentais era uma zona vaga que se podia chamar à vontade, de “Terra Desconhecida” ou de “Mar Desconhecido”, e isto até os anos de 1728-1729, até a época em que o dinamarquês Bering explorou o estreito que tem hoje o seu nome.

Quando dizemos, pois, que o descobrimento da América, em 1492, é o começo dos tempos modernos, quando dizemos que esta data é bem mais acertada e melhor que 1453 (tomada de Constantinopla pelos turcos) como marco divisório entre a Idade Média e os Tempos Modernos, há nisto, sob muitos aspectos, razão... na medida em que temos necessidade de marcos divisórios para os capítulos dos nossos manuais. Mas, nem por isso devemos nos esquecer de que o empreendimento de Cristóvão Colombo é ao mesmo tempo, medieval e antigo pelo seu espírito e pela idéia que o dirigiu e, medieval e moderno pela sua técnica. A idéia de que

(*) — Reprodução, gentilmente autorizada pelo Autor, de artigo inserido na revista “L’Education Nationale”, n.º 32, dezembro de 1952, pp. 3-6. Texto francês traduzido por da. Ana Leonísia Ferreira Aratangy.

era possível atingir, através do Atlântico, a China do Grão-Khan, da qual falara Marco Polo, a idéia de que a navegação entre o Extremo Ocidente da Europa e o Extremo Oriente da Ásia não deveria ser longa, era uma idéia — um êrro, se se quiser, um grande êrro de longitude — que a Idade Média herdara da Antigüidade, de Aristóteles e de Sêneca. Cristóvão Colombo foi a primeira pessoa que se propôs a verificar experimentalmente essa idéia e lançou-se a ela como um “louco navegante”, se nos é permitido decalcar esta expressão sôbre a expressão de aviador louco criada por Lindbergh quando êle cruzou, pela primeira vez, o Atlântico por via aérea. E por que? Porque êle fiava-se na bússola que os navegadores da Idade Média utilizaram em pequenos percursos, longe da vista das terras.

Cristóvão Colombo morreu depois de ter feito quatro viagens, ainda crente que havia atingido a Ásia pelo Oeste. O êrro antigo e medieual em que êle estava só se dissiparia lentamente. E sua descoberta, cujas conseqüências nem êle nem outros podiam suspeitar do limiar do século XVI, não fêz desaparecer, nem mesmo empalidecer, a velha imagem do mundo de Aristóteles e de Ptolomeu. Esta descoberta, se assim podemos dizer, dilatou a terra. Mas, depois de definitivamente verificada graças à circumnavegação de Magalhães, a esferecidade da terra — esta bola terrestre continuou mais sôlidamente instalada do que nunca no centro do mundo, dêste mundo fechado, todo feito de esferas bem encaixadas umas nas outras fora do qual só havia o céu metafísico de Deus. Vinte anos depois da primeira viagem à volta da terra, aparecia o tratado de Copérnico — *Das Revoluções dos Orbes Celestes*, no qual o astrônomo desalojava a terra do centro do mundo a fim de melhor explicar as aparências do céu astronômico. Mas êste acontecimento também não deslocaria brusca-mente a velha figura do mundo. E ainda hoje, apesar de tudo, embora não mais consideremos o céu dos astros como sendo feito de esferas concêntricas, ainda nos é cômodo, na vida corrente, imaginar que o sol gira, assim como a lua, em tórno da terra.

Novas Massas de Homens.

Não é de todo inútil lembrar êstes aspectos geográficos e cosmológicos do descobrimento do Novo Mundo antes de considerar o descobrimento de um mundo humano até então ignorado. Os milhões de homens que, pouco a pouco foram encontrados pelos descobridores, êsses milhões, foi necessário integrá-los também em um mundo humano total que era, como o universo físico, um mundo fechado ao mesmo tempo no espaço e no tempo. A humanidade era uma desde Adão. Havia começado e deveria acabar. No seio da eternidade houvera um ato criador que determinara o comêço do mundo, dos homens e dos tempos do homem. Êsses tempos dos homens devia terminar com o Juízo Final. Os

historiadores das idéias e das religiões, dão hoje grande importância à metamorfose que o pensamento cristão dos séculos II ao V de nossa era — de Santo Irineu a Santo Agostinho — trouxe à concepção da História. Os gregos consideravam a história da humanidade como uma série de ciclos fechados e de recomeços, submetidos a um eterno retôrno. O cristianismo inaugurava uma outra filosofia da História, bem diversa, uma meta-história ou uma teologia da História. A história temporal da humanidade ficava presa a dois marcos, a Criação e o Juízo Final. Era, não uma história cíclica, mas retilínea, tôda ela balizada por acontecimentos únicos e irreversíveis: Criação, Pecado original, Incarnação do Cristo, Paixão, Ressurreição e Fim do Mundo. Na espessura desta História havia uma variedade interna relativa, desde a Redenção, à incorporação sucessiva dos diversos povos pagãos ao corpo da cristandade na qual se preparam os eleitos destinados à cidade de Deus.

*

E' fácil ver, pois, o grande problema espiritual e intelectual que apresentava um descobrimento maciço de homens, a dimensão humana, se assim podemos dizer, do descobrimento do Novo Mundo. E logo, já logo depois de 1493, estas populações das Grandes Antilhas, estas populações "numerosas(vivendo pacificamente e que, ao que dizem, circulam nuas e não comem carne", "crêem que há no Céu um só Deus criador e parecem bastante aptas a abraçar a fé católica e a se impregnarem de bons costumes". Cito aqui os próprios têrmos da bula *Inter Caetera* de 28 de junho de 1493 pela qual o Papa Alexandre VI concede a cristianização a Fernando e Isabel de Castela. A bula reflete a visão otimista do próprio Cristóvão Colombo, inscrita no diário de sua primeira viagem.

Todavia, uma dezena de anos mais tarde, os conquistadores e os colonos inteligentes já se inquietam ao ver estas populações numerosas e fáceis, fundir como cêra ao contacto dos aventureiros vindos da Espanha. E para cristãos, que crêem que nada acontece sem que Deus tenha já previsto e querido, uma perturbadora interrogação surge: quais seriam as intenções de Deus acêrca dêstes homens? Porque, afinal, apenas postos em contacto com os cristãos, aos quais se pedia que os tornassem cristãos, são êles submetidos por êstes ao trabalho forçado que acaba matando-os? Os dominicanos lançariam logo o alarma e um apêlo à consciência dos espanhóis das Ilhas: "Não são êstes índios, homens como vós?" E' por êsse tempo, quando o continente começa a ser descoberto, da Venezuela ao Istmo de Panamá, quando o Iucatã, vestibulo do México, começa a ser abordado, que êstes mesmos dominicanos enviam ao Senhor de Chièvres, ministro favorito do jovem Carlos de Gandé, recentemente chegado à Espanha, um quadro horrendo,

do que Las Casas chamaria mais tarde, (embora isto já tivesse sido dito antes): de “destruição das Índias” ocidentais.

O nome de Las Casas basta para evocar o agudo antagonismo entre os conquistadores e os evangelistas do Novo Mundo de 1510 a 1560. O descobrimento consistiria numa luta violenta entre os que vinham para despojar e servir-se dos índios e os que vinham para salvá-los. A História, até aqui, deixou-se fascinar pelos aspectos morais, jurídicos e econômicos da conquista. Ninguém se ocuparia com o sentido que mais tarde, os contemporâneos dariam a êsse importante acontecimento. Quando muito, procurou-se na obra dos cronistas e dos missionários, informações sôbre a flora, a fauna e as populações indígenas. Ninguém procurou ver como êles se esforçaram para integrar, tanto no terreno da História como no da Geografia, o “desconhecido” no “conhecido”, em fazer entrar êsses milhões de homens, deixados até então à margem, nesta História única que vai da Criação ao Julgamento.

No entanto, como a aventura de Colombo, ela é também uma grande descoberta de inspiração medieval. Era necessário pô-la de acôrdo com a História Sagrada. Indagou-se naturalmente, se êsses índios do Ocidente não descenderiam das tribos desgarradas de Israel. Parecia estranho que essa enorme massa humana tivesse sido esquecida pelos primeiros apóstolos, a quem Cristo ordenara que fôsse levada a boa nova a todos os povos. Supôs-se que seus antepassados tivessem sido visitados por São Tomás, o “apóstolo das Índias”, indagou-se ainda se êsses povos, por obra do demônio, haviam sido desgarrados do rebanho de Cristo. Sua conquista pelo Cristianismo seria, assim, uma reconquista.

As missões e a conversão final.

E' uma história grandiosa a das missões do Novo Mundo. Acontecimento decisivo na História Moderna, pois dela nasceram as nações da América Latina. E' o principal aspecto da Renascença (entendamos, da Antigüidade cristã) pois nele se reabrem os tempos evangélicos. E é também um prolongamento insuspeitado do profetismo medieval, de perspectivas apocalípticas. Surpreendemo-nos ao ver que ainda não se tenha percebido êsse aspecto. Vasco de Quiroga, apóstolo do México e discípulo de Tomás More, falava em 1535 em fundar “uma Igreja renascente primitiva”. Para os modernos, essas palavras evocam imediatamente uma jovem cristandade prometida a um futuro indefinido; mas os homens de então, dêsse mundo fechado que evoquei, apresentam de modo urgente o problema de saber como se situa essa grande conversão de infiéis com relação à meta-história dos homens, pois está escrito que o Evangelho será difundido por tôda a terra, e que depois virá o fim. Para a Igreja primitiva do tempo de São Paulo, a perspectiva era exatamente a mesma. A morte do Cristo, trazendo a Redenção, abriu o fim dos tempos. Era di-

fácil saber quanto tempo se passaria entre a morte do Redentor e sua volta gloriosa para julgar os vivos e os mortos, a *parusia*.

Quando lemos os documentos oficiais ou particulares das primeiras missões franciscanas da América, ficamos, muitas vezes, admirados com a linguagem que evoca o fim próximo do mundo, ou melhor, “os últimos tempos do mundo”, que Joachim de Flore havia profetizado no século XII, como devendo ser, graças ao apostolado dos novos frades, o reino do Evangelho eterno.

*

De início, havia um quinzena de franciscanos, quase todos franceses do Norte, que embarcam em Sevilha pelo Natal de 1516 para juntarem-se aos dominicanos da Ilha Espanhola. O Provincial dêsses últimos, Fr. Pedro de Córdoba, pediu uma zona reservada aos evangelistas, na costa da Venezuela. Queria abordar o continente, quase virgem, pelas regiões onde ainda não houvessem penetrado espanhóis armados que iam em busca de ouro ou de escravos. Ali, os frades da Picardia — os picardos — como os chamava Las Casas, seu discípulo, tentariam a conquista puramente evangélica. Ora, os picardos traziam em sua bagagem, com outros poucos livros, um grosso volume de Fr. Bartolomeu de Pisa, o “Livro das Conformidades da Vida de São Francisco com a vida de Nosso Senhor”, uma obra do século XIV que exaltava o papel de São Francisco e de seus monges evangelistas na última era do mundo. Os protestantes chamarão a êsse livro de “O Alcorão dos Franciscanos”. Mas para aquêles missionários, êste livro era como que novas “Atas dos Apóstolos”, cuja inspiração joaquinita corresponde precisamente ao sentimento que os leva a uma nova pregação.

Pouco depois, em 1523, se expande a segunda vaga franciscana, a dos *Doze* de Frei Martin de Valência, que partiram para o México. Êstes são espanhóis, oriundos de uma reforma extremista cujos membros foram considerados como perigosos agitadores. Não se conhece grande coisa da formação de Frei Martin, mas sabe-se que era leitor do “Livro das Conformidades”. Sua vocação de evangelista do Novo Mundo se declarou numa noite, durante as matinas, em que se cantava o Salmo 59 (*Eripe me de inimicis meis*). Ele ouve, por duas vezes, o versículo *Convertentur ad vesperam et famem patientur ut canes*. O espírito do monge desperta com estas palavras que parecem anunciar-lhe, para a noite do mundo, uma conversão de homens sedentos da palavra de Deus. Um instante depois, êle vê, em espírito, uma multidão de infiéis que se convertem e vêm receber o batismo. Sua alegria espiritual é tão grande que grita três vezes: “Louvado seja Jesús Cristo”. Os monges de seu convento, pensando que êle delira, fecham-no numa cela, trancando prudentemente a janela que dava para um telhado. Não há provávelmente muitos missionários

rios modernos cuja vocação se declare com esta violência, pensando na grande conversão de infiéis anunciada para os últimos tempos do mundo...

Frei Martin, que crê em visões, vai consultar uma visionária de Castela, a célebre Beata de Piedrahita, uma freira da ordem terceira de São Domingos. Ela lhe responde que Deus ainda não quer que êle parta. Deus o chamará quando sua hora tiver chegado. E a hora de Frei Martin virá quando Hernan Cortés, tendo conquistado o México, pede monges para evangelizá-lo. Os *Doze* vão comportar-se como autênticos apóstolos. Pressentem nos índios, êsses homens desprezados pelos conquistadores, humildes, resignados, quase sem necessidades, abertos para o sobrenatural, matéria-prima admirável para se tornarem melhores cristãos que os próprios espanhóis que os desprezam. E ninguém tem maior ascendência sobre os índios, do que êles. Alguns anos mais tarde, Ramirez de Fuenleal, perguntará a razão disto aos mexicanos. Os índios responderão: "Porque êsses são pobres e descalços como nós, comem o mesmo que comemos, sentam-se entre nós, e conversam conosco com brandura".

*

Entretanto, apesar dessa fraternidade exemplar entre evangelizadores e evangelizados, o entusiasmo dos *Doze* terminará numa decepção. Trata-se de uma história extremamente complexa da qual simplesmente destaco os traços que derivam da mentalidade apocalíptica dêsses missionários. Estavam persuadidos ao chegar, que eram os artesãos de um grande milagre, da grande conversão anunciadora dos últimos tempos. Quiseram andar muito depressa. Batizavam à fôrça, sem prévia catequese. E' Motolinia, o Pobre, o irmão por excelência dos índios, que nos conta de períodos em que um único monge batiza quatro, cinco ou seis mil índios num só dia. O recorde se estabeleceu em Xochmilco onde dois padres batizam quinze mil índios num dia. Foi inútil revezarem as mãos, pois, acabaram por sentir fortes dores nos braços e nas mãos, de tanto erguer a vasilha de onde derramavam água sobre as cabeças. Após o que, nenhum milagre se produziu nas almas, e tudo estava para ser feito. Era difícil lutar contra a moleza, a apatia, a duplicidade dos índios, obrigando-os a seguir o catecismo e dêle tomar conhecimento. Frei Martin de Valência, mais impaciente que seu biógrafo, tomava ao pé da letra o *Compelle intrare* do Evangelho. Não hesitava em espancar os índios; após o que, na presença dêles, se disciplinava. Lutava para preservar a esperança na nova Igreja de que se havia encarregado. Mas sua decepção se exprime pela voz do subconsciente que êle mesmo interpreta ao despertar, e da qual será útil citar pelo menos alguns exemplos.

Uma noite, êle vê carneirinhos pastando num vale onde o capim estava coberto de neve. Na entrada do vale erguia-se uma igreja. Os cordeiros pastam e ruminam o bom capim apesar da neve. Aproximam-se da igreja com movimentos muito lentos, e nela penetram. Êste vale, explica então Frei Martin, é a Nova Espanha. A neve que cobre a boa grama, significa que os índios ouvem a doutrina cristã com constrangimento, com um coração morno e mesmo frio. Mas por fim, acabam por absorvê-la. Chegam a entrar na igreja, “quer dizer, a não ficar de fora”, o que é bem expressivo. Resultado não sòmente meritório para aquêles que os doutrinam, mas igualmente útil para os catecúmenos, que “contra a vontade e por constrangimento, são forçados a fazer da necessidade, virtude”.

Outra visão: à beira de um rio estão duas mulheres, trazendo cada uma, uma criança nos braços. A primeira é feia, e seu filho sem graça e rameloso; a segunda é bela e seu filho encantador. Ambas entram na corrente para a atravessar. A feia com muita dificuldade e medo. Mas consegue passar. A bela passa com segurança, e seu filho, de longe sorri ao servo de Deus, Frei Martin, estendendo-lhe os braços. A mulher feia é a Nova Espanha, e seu filho a pobre Igreja mexicana cujos filhos precisam ser conduzidos à fôrça. A mulher bela e graciosa é um outro país que ainda está para ser descoberto e cujos filhos formarão uma Igreja bela, composta de elementos viris, bons cristãos, inspirados, convertidos sem violência, constantes na fé e na observância dos mandamentos.

*

O velho Frei Martin é um missionário excepcional, em virtude do seu temperamento impaciente e visionário. Mas suas aspirações, seus desalentos não são apenas seus. Em 1531, pouco antes de sua morte, pensou embarcar partindo do istmo de Tehuantepec para alcançar as praias do Pacífico — o mar do Sul, como se dizia — à procura de homens de “grande capacidade”, dignos de formar a cristandade dos últimos tempos. Seriam os ditosos sêres da geografia antiga? Os chineses de Marco Polo? Não se sabe. De qualquer maneira tratava-se de um Extremo Oriente fabuloso para êle. Era mais um velho mundo a ser encontrado, do que um novo mundo a ser descoberto. Não é apenas Frei Martin que permanece fechado numa visão medieval do mundo, à maneira de Cristóvão Colombo. Sôbre os *mapa mundi* desenhados então por Oronce Finé, o melhor geógrafo da França, Tenxtitlan se limita com Catai, quer dizer, o México com a China, num mesmo apêndice gigantesco da Ásia. Uma dezena de anos mais tarde, o franciscano Juan de Zumárraga, primeiro bispo do México, pede para ser destituído de seu bispado, para empreender a viagem de descobrimento espiritual com a qual havia so-

nhado Frei Martin. Ele conta com Las Casas para acompanhá-lo, e sobretudo com Frei Domingos de Betanzos, fundador das missões dominicanas no México, mas já descrente de que os índios mexicanos possam se tornar cristãos. Em 1576, Frei Bernardino de Sahagún ao saber da chegada dos monges agostinianos na China, põe-se a refletir sobre o que ele chama “a peregrinação da cristandade” através do globo. Sahagún não é um visionário. Pela precisão de suas informações sobre os usos e as crenças indígenas, é considerado um precursor da etnologia. E’ um veterano das missões franciscanas no México, onde seguiu de perto os *Doze*. Acaba de assistir a uma terrível epidemia, cujas devastações se assemelham ao que viu em 1545; flagelo de proporções bíblicas em que desaparecem quatro quintos da população indígena de uma cidade como o México. Por sua vez pergunta quais seriam as intenções da Providência. Estarão condenadas as populações da América? A cristandade afastada, pouco a pouco de seu berço mediterrâneo pelo Islão e pela heresia, não terá de passar por essas Índias ocidentais para alcançar o Extremo Oriente? Prevê, para ela, um longo período de estabilidade na China, “onde há povos muito capazes, de grande civilização e de grande saber”.

O fim do mundo se afasta.

Na hora em que a “volta ao mundo” da cristandade parecia prestes a terminar, dir-se-ia que a impaciência apocalíptica se acalma. Ninguém mostra melhor essa transformação que o Padre José de Acosta, organizador das missões dos jesuítas no Perú. Homem extremamente medieval, sob certo sentido, pensa porém em termos da Bíblia. Imagina o povoamento humano da América e as origens de sua fauna, a partir da Arca de Noé, mesmo admitindo uma possível evolução das espécies. Porque ele é também um espírito bastante moderno por sua ânsia de saber. Humboldt o tratou, conforme merecia, como um dos fundadores da física do globo. Acosta, como aliás, todos seus contemporâneos que tentam refletir sobre os descobrimentos realizados uns após outros pelos cristãos da Europa, vê nisso um prelúdio do fim do mundo. Mas um prelúdio que deve durar.

O *Apocalipse* é verdadeiro. E’, porém, difícil ter uma idéia, segundo este livro, do que será o fim do mundo. Este, que é um acontecimento único, deve levar-nos a que nos preparemos para ele de preferência a que nos pomos a prevê-lo. Os europeus descobriram mais terras em três quartos de século que durante os mil anos anteriores. Há, pois, uma aceleração da História que a faz voltar-se para a meta-história. Mas se haverá ou deve haver a conversão ao Cristianismo ou a confrontação com o Cristianismo das massas de homens até então estranhos à cristandade, a estas novas perspectivas espaciais da cristandade, correspondem perspectivas no tempo. Ainda não se fez mais do que apenas pres-

sentir as populações que formigam no coração da América do Sul. Os patagões, os povos antárticos são ainda apenas fantasmas avis-tados pelos navegadores. No mar do Sul, para além das Ilhas Salomão, da Nova Guiné (não se conhece ainda a Austrália), há a China, imensa extensão quase intacta. Não é pelo fato dos ne-gociantes portugueses haverem chegado a Cantão, que o Evan-gelho pode ser considerado como promulgado aos chineses. Essa promulgação tem seu ritmo, suas etapas, que não podem ser con-sideradas como já feitas: descobrir, abordar, converter. Finalmen-te, não seria razoável pensar que o fim do mundo estivesse fi-xado para amanhã.

Vemos assim como aquêles primeiro mundo fechado, sem re-negar a teologia da História, e sua perspectiva de fim de mundo, se desembaraça de suas amarras. A obsessão milenarista que de-sencadeou a maior empresa missionária depois da origem do Cris-tianismo, começa a se acalmar. Logo, em Roma funda-se a congregação *De Propaganda Fide* para administrar, com vagar, as mis-sões do mundo inteiro. O Cristianismo moderno se instala para du-rar. Talvez cresça então somente a ambição de uma cristianização total da terra (com a reconquista das regiões perdidas), ambição para a qual um Sahagún, com sua concepção da “peregrinação da cristandade”, parecia tão estranho. Quantos cristãos hoje em dia crêm no fim do mundo? Apesar de tudo o que possa agora provo-car uma recrudescência do espírito apocalíptico, parece que o “cristão médio” não tem outra perspectiva escatológica que a individual, que espera ser salvo ou condenado quando morrer, continuando, porém a humanidade após a sua morte, e tendo diante dela um fu-turo indefinido, a não ser que haja uma catástrofe atômica. Aí se encontra sem dúvida, uma das mais profundas diferenças entre o sentimento moderno da História, e a fé meta-histórica da Idade Mé-dia. Talvez a grande onda de impaciência apocalíptica foi que, com seu fluxo e seu refluxo, acompanhou a descoberta espiritual do Novo Mundo e o que contribuiu poderosamente para levar o pensamento humano a abandonar os quadros do cristianismo me-dieval.

MARCEL BATAILLON

Membro do Instituto. Professor do Colégio de França.